

A reinvenção do lugar social do trabalho pela cultura na Zona Sul de São Paulo: ativistas culturais e seus trabalhos políticos

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v12i22.51379>

Marta de Aguiar Bergamin¹

Resumo: O campo da cultura é aqui investigado como trabalho. Os processos laborais da cultura vão produzindo possibilidades nas contra estéticas periféricas para perfazer um sentido do trabalho dado pela política instituída na vida comum. Os trabalhos militantes da cultura na periferia da Zona Sul de São Paulo são abordados no texto através de entrevistas com ativistas da cultura, que contam suas trajetórias de trabalho e ativismo na última década, mostrando um percurso político de composição da vida.

Palavras-chave: Trabalho; cultura; ativismo cultural; periferia.

La reinvencción del local del trabajo en la cultura de la Zona Sur de São Paulo: activistas culturales y sus trabajos políticos

Resumen: El campo de la cultura se investiga aquí como trabajo. Los procesos de trabajo de la cultura producen posibilidades en la contra estética periférica de rehacer un sentido del trabajo dado por la política establecida en la vida común. Las obras militantes de la cultura en la periferia de la zona sur de São Paulo se abordan en el texto.

Palabras clave: Trabajo; cultura; periferia.

The reinvention of the social labor place through culture in the South Region of São Paulo: cultural activists and their political labors

Abstract: The field of culture is investigated here as a labor. The labor processes of culture produce possibilities, in the peripheral counter aesthetics, of remaking a sense of labor given by the policy established in common life. The militant cultural labor from the periphery of the south region of São Paulo is addressed in the text.

Keywords: Labor; culture; periphery.

¹ Marta de Aguiar Bergamin. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. Professora na FESP/Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Brasil. E-mail: mbergamin@fespsp.org.br - <https://orcid.org/0000-0002-0015-6676>

Recebido em 29/08/2021, aceito para publicação em 25/01/2022 e disponibilizado online em 01/03/2022.

A reinvenção do lugar social do trabalho pela cultura na zona sul de São Paulo: ativistas culturais e seus trabalhos políticos

Introdução

A pandemia de Covid-19, com início em 2020, definitivamente abre um contexto mundial de crise, um “tempo das catástrofes” (STENGERS, 2017), e mostra, como consequência e sintoma, um sistema mundo que não tem conseguido combater as desigualdades. No Brasil, vimos agravar alguns processos no mundo do trabalho na cultura, o que mostra as facetas da brutal desigualdade do país e faz visível, nesse campo, as dificuldades das relações laborais mais instáveis, também por conta da precariedade dos vínculos constituídos na informalidade, que muitos agentes na cultura mantêm.

Na área da cultura, que constitui um importante campo de trabalho, o baque da interrupção provocada pela pandemia ressignificou o meio. As estratégias de produção e de formação de público sofreram mudanças radicais, mas, principalmente, foi sentida uma crise de financiamento nesse momento tão difícil. A crise é agravada pelas escolhas políticas da

extrema-direita no governo brasileiro desde 2019, que percebe a cultura como um campo de embate ideológico e faz minguar as verbas para seus trabalhadores. Conseguimos mapear alguns aspectos desse embate ao olhar para quem está, e quem esteve, na lida cotidiana à frente das produções culturais na Zona Sul da cidade de São Paulo, onde o coletivo da Agência Solano Trindade desenvolve suas atividades, além de outros entrevistados ligados ao campo cultural que traçam seus percursos de trabalhos e ativismos².

O campo da cultura na periferia se tornou uma parte importante do mercado de trabalho no Brasil nas últimas décadas. Trata-se de uma área de atuação social que se fortaleceu também como expressão identitária,

² A pesquisa teve financiamento da Fundação Escola de Sociologia e Política, no programa PIPED de 2019/ 2020. Foram realizadas pesquisas de observação participante, entrevistas gravadas, uma entrevista coletiva aberta com um dos ativistas culturais, que também foi entrevistado mais detidamente, além de conversas informais com ativistas da Zona Sul de São Paulo; todos ligados historicamente aos movimentos de cultura do Campo Limpo na última década.

assim, promovendo uma profissionalização de produções culturais em diversos territórios das cidades brasileiras. Esse processo se fortaleceu em consequência da descentralização dos financiamentos culturais, que ocorreu a partir dos anos 2003, com Gilberto Gil à frente do MINC (Ministério da Cultura), permitindo a expansão e consolidação da produção cultural como um elemento gerador de trabalho e de renda.

Com teatros, cinemas, museus, centros culturais e outros equipamentos operando em ritmo mais lento, os postos de trabalho na área da cultura (atividades artesanais, artes cênicas e artes visuais, cinema, música, fotografia, rádio e TV e museus e patrimônio) foram os mais afetados pela retração, com recuo de 18% no período analisado. No quarto trimestre de 2019 havia 773.962 postos de trabalho para profissionais de cultura no país. No final do quarto trimestre de 2020, o número havia baixado para 634.297.³

O discurso do empreendedorismo não deixa de encontrar ecos em quem trabalha de maneira informal, através de projetos,

³ Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural. Disponível em: <https://culturaemercado.com.br/observatorio-itaucultural-divulga-dados-de-emprego-e-desemprego-do-4o-trimestre-de-2020/>.

convivendo com a intermitência de trabalhos, por vezes pautada em fatores sazonais.

Nessa medida, existe um cenário conflitante, de combate à essa produção emergente que arriscou deslocamentos das concepções da própria cultura, alargando sua influência e, assim, balançando o que estava estabelecido. Existia até então, um tipo de domínio da cultura no Brasil, exercido por uma elite cultural que, caminhando junto com o mercado de arte, estabelecia os padrões gerais ligados à essa área. Dessa forma, algumas dessas estruturas e disputas têm sido mexidas consistentemente nas últimas duas décadas.

Na Zona Sul da cidade de São Paulo, a cultura se torna um efervescente caminho de mobilização social, de participação em movimentos e de produção de identidades, gerando uma participação política que permite produzir curas, saídas e novas possibilidades para a profunda experiência da violência cotidiana que a periferia produz. Nesse exercício de narrar as próprias questões, as mudanças são experimentadas, representando uma marca de risca de

giz para toda a produção simbólica da margem da cidade.

Nessa medida, estar em um coletivo se mostra potente como um movimentador de diferentes afetos sociais que mobilizam os corpos, propondo uma superação dos modos hegemônicos de estar no centro (do que é ser o centro) e transformando, portanto, o significado do que é estar na margem. Esse processo também balança os retratos que negam o pertencimento à cidade, como a mídia e os centros de poder, invertendo e criando narrativas próprias da periferia e interrompendo sua contínua exposição somente como território da violência.

Assim, ao pensarmos a expressão cultural nessa chave de mudança social, estamos expondo os mecanismos de reprodução que mantinham continuamente a periferia atrelada a uma representação, em grande medida, negativa. Capturando, assim, nessas representações, definições de tudo o que o "centro" da cidade não quer ser, criando como lugar social um negativo: a periferia como negativo da cidade.

Os territórios da periferia carregam essa negatividade da

composição da margem, uma vez que se empurrou para as bordas a violência, a segregação territorial, o crime organizado em espaços onde a presença do Estado se configura especialmente por sua ausência. A partir disso, o conceito de branquitude permite vislumbrar, através da composição social estabelecida, como é (para os brancos) deixar para o Outro (os negros), tudo o que não se quer ser (KILOMBA, 2019). Assim é o mecanismo da violência: os jovens negros e da periferia são a violência que a cidade não quer assumir como sua, e devem, portanto, ser combatidos. A expressão cultural também empenha essa concepção: a produção da margem não era considerada centralmente como relevante. Dessa forma, compreende-se o conflito como aparato político para novos estabelecimentos.

Como "destinos" sociais traçados por este "centro" (financeiro, de poder, de cultura), as estruturas, produzidas e reproduzidas de forma incessante, repõem a desigualdade, que, afinal, se encontra inteiramente caracterizada na periferia. As consequências se apresentam nos adoecimentos mentais e do corpo, que

acabam por suprimir a potência de outras mobilizações que a vida poderia permitir. A recusa de organizar inteiramente a vida ligada a um trabalho precário, desqualificado, de remuneração irrisória e que não perfaz sentido subjetivo forte, produz outros corpos; aqui, a produção cultural participa da concretização de subjetividades mais profundas.

O campo da cultura pode encontrar caminhos que guiam outros fazeres; pela crítica, pela busca de raízes ancestrais, pela renovação proveniente da construção de outros elos com a cidade, remontando-se trajetórias ou produzindo-se identidades. Às vezes, partindo de escombros para encontrar outros caminhos do fazer da vida.

Vamos examinar neste texto algumas experiências de trabalho através de percursos de atores sociais ligados ao campo da cultura da Zona Sul da cidade de São Paulo na última década, para, assim, pensarmos sobre essa ligação entre trabalho e cultura e investigar como essas experiências constituíram, para os percussores, formatos de trabalho que permitissem o sustento da vida e as lutas que o campo cultural exigiu de cada um.

Nessa medida, a proposta é discutir como trabalhos podem produzir sentidos identitários, sociais e políticos, agregando sentidos subjetivos aos seus percursos, mas também abrindo caminhos para outros modelos de trabalhos, que hoje são fundamento para desbloquear as lutas políticas na periferia. As práticas de trabalho mais conectadas com a coletividade e com realizações subjetivas ficam suprimidas nos cotidianos violentos, que sem vitalidade social, adoecem a população e reprimem os desejos de realização, encontrando modos de canalização, por exemplo, nas Igrejas Evangélicas. A cultura se firmou nesse lugar social que fundamenta outras perspectivas.

O trabalho da cultura na margem da cidade

Esta diferença em relação ao espaço criando esta cooperação no conflito e este conflito na cooperação, porque numa cidade estamos condenados a viver juntos. A cidade produz um destino coletivo que vem do fato exatamente desta cooperação no conflito e deste conflito na cooperação. (...) São os pobres, são os migrantes, as minorias que são mais capazes de ver, porque mais capazes de sentir. Por conseguinte, é um equívoco

imaginar que o futuro é portado pelos mais fortes. São os mais fracos, no espaço, que têm a força de portar o futuro (SANTOS, 1996).

Ao mirar a cultura produzida como trabalho na periferia de São Paulo, muitos temas importantes se apresentam para compor a reflexão. Na periferia, a produção cultural, constantemente, forma na margem novas sociabilidades, inclusive novas sociabilidades de trabalho, que vamos propor investigar a partir da cultura.

A margem periférica provoca, nesse universo de produção no campo da cultura, o surgimento de possibilidades de rompimento com os fluxos de poder (PARDUE, 2013). A produção estética, por vezes uma contra estética, forma-se como desvio, se estabelecendo, então, como conflito, significando uma quebra da ordem – do que já está estabelecido – e fazendo surgir, assim, algo novo, conseqüentemente promovendo um choque de versões do mundo, que com Rancière (1997) chamaremos de Política.

A produção da cultura na margem promove outros parâmetros para a luta política do cotidiano, que vão sendo forjados nas leituras do

mundo pelas franjas, onde enxergamos as dificuldades e emergências como o que dão forma a uma contra estética. Podemos tomar a recepção interna da participação da Agência Solano Trindade, na 31ª Bienal Internacional de São Paulo, em 2014, na apresentação de abertura da exposição como retrato dessa contra estética. Como a Bienal é a exposição de arte mais importante do país, a Agência levou a instalação sonora Treme-Terra para abrir o evento, que contava com o mestre de cerimônia, músicos, dançarinos, poetas e o coral jovem Xondaro Guarani, em uma apresentação grandiosa. Entretanto, para a produção interna da Bienal, nenhum deles estava trajado como imaginavam que deveriam estar em uma abertura. Estavam como sempre se apresentavam; com suas roupas, o que parecia ali, naquela noite, algo amador, e os membros da produção da própria Bienal se frustraram com essa suposta falta de “preparação” para a grande abertura do evento da Agência Solano Trindade. Era a própria contra estética em jogo no mundo estabelecido da arte, criando uma fenda: um evento com grande reconhecimento internacional que

convida grupos das periferias brasileiras para integrar a exposição, causando um desencontro estético e por que não, de trabalho.

A estética do precário ali presente era resultado de muito trabalho de todos os produtores e artistas da Agência Solano Trindade. Levar as pessoas até o Parque do Ibirapuera e alimentar quem tinha enfrentado um longo percurso, como os Guarani que vinham da aldeia Tenondé Porã, localizada no extremo sul da cidade. Em entrevista, falando sobre a apresentação, Thiago Vinicius relata: "As nossas roupas não eram as esperadas, a apresentação estava aquém do que o evento 'demandava'".

Lefebvre (2008) se interessava por essas frestas de sentido que podem emergir do encontro e da festa, uma práxis revolucionária que realoca o direito à cidade, preenchendo de significação, pela invenção política, o que estava vazio, ou somente preenchido pelo lado já instituído de poder. Assim, é sempre preciso perceber as lacunas que o ordenamento dos campos deixa para uma disputa de outra vida possível, e ali na Bienal, se confrontaram mundos. Centro e periferia. Centro e margem.

Estética estabelecida e antiestética. Movimento do dinheiro e um movimento sem dinheiro. Dessa experiência linda, por um lado, de desencontro, por outro, foi também de mobilização de novos afetos, que naquele momento da apresentação puderam ganhar existência.

Aline Maria participou do processo de composição da produção dessa participação da Agência Solano Trindade na Bienal e conta como essa experiência foi importante por trazer uma presença da cultura de Terreiro, dos Guarani, com seu coral jovem presente nas apresentações semanais da exposição, misturando as periferias estéticas ao consagrado mundo da arte. Ela fala da sua constituição como mulher negra nessa produção de uma contra estética. As roupas não foram preparadas especialmente para as apresentações e os agentes da própria Bienal se incomodaram, viram isso como certo desleixo. Um choque das estéticas da margem, de uma estética precária trazendo outras configurações na mistura de mundos.

Como mostra sua trajetória, Aline Maria conheceu um trabalho engajado na entrada em uma organização não governamental que

modificou inicialmente toda sua estrutura subjetiva. Abriu-se um mundo para ela que não estava presente na sua vida até então. “Foi uma libertação!”, diz ela. Aline iniciou um curso universitário de Artes Plásticas, com bolsa do PROUNI, tornando-se primeira da família a chegar a um curso universitário, que ainda não conseguiu concluir. Filha de doméstica, foi conhecer a diversidade da periferia com outro olhar a partir do seu trabalho na União Popular de Mulheres. Conhecer os povos indígenas de São Paulo e ampliar sua espiritualidade conhecendo as religiões de matriz africana, mostram para ela uma outra realidade desconhecida. Participou da produção da Agência Solano Trindade na Bienal em questão. O tema da exposição aquele ano era: “Como falar de coisas que não existem”. Os coletivos que participaram eram o que não existia. Aline ainda conta sobre relação da composição dos grupos com o tema, em que a periferia não produz cultura para estar no centro:

Foi um projeto muito legal porque foram mais de 25 atividades que aconteceram na Bienal, um em cada final de semana. De quinze em quinze dias tinha sarau. E em todas essas atividades a gente

colocou em contato o povo da periferia, o povo indígena e o povo tradicional de candomblé. Em todos esses encontros eles estavam lá, comercializando produtos, artesanatos, se apresentando com o coral. Foi muito maravilhoso! E foi muito intenso. Foi um ano assim muito intenso de convívio, de contato. (Aline Maria, entrevista em 21/08/2020).

O convite para a participação da Agência Solano Trindade abriu muitas portas para ela e para o grupo de pessoas que participou da programação da Bienal de forma remunerada, mostrando sua produção cultural autêntica. Foram 25 atividades ao todo e Aline trabalhou na produção desse evento. Para ela, foi um acontecimento muito grande que correspondia a esse novo mundo descoberto em que se juntam trabalho, espiritualidade e as sociabilidades produzidas no processo.

Trabalho e produção subjetiva

A principal questão no momento que atravessamos passa por entender como superar a crescente retirada de sentido do trabalho numa certa ponta das atividades, mas que é preponderante para a maioria da população ativa, tanto pela redução da

renda do trabalho, quanto pela diminuição do alcance subjetivo do trabalho individual e coletivo para cada um. Esses tempos são caracterizados por trabalhos sem sentido, um pós-taylorismo “modernizado” pelos algoritmos – a uberização do trabalho surge como expoente máximo desse processo de contínua desqualificação dos sentidos do trabalho e, nessa medida, construir e manter atividades laborais que produzam subjetivação e significação é luta.

A produção cultural da Zona Sul de São Paulo pode ser caracterizada como política, já que mexe com as sociabilidades jovens e adultas da cidade, a partir de faíscas culturais físgadas por atuações coletivas. Iniciado pelos saraus, desde a Cooperifa (2001) e o Sarau do Binho (2004), maturou-se o desenvolvimento da produção literária, que veio esteado no fenômeno musical dos Racionais MCs – que montaram um estúdio de gravação na favela no auge do sucesso do grupo, no próprio Capão Redondo, que na época conhecido como um dos bairros mais violentos da cidade de São Paulo. Dessa forma, a importância dos Racionais nesse conjunto de eventos da década de

2000 faz surgir uma virada de como retratar a periferia, mudando a rota da produção cultural a partir da própria periferia (D’ANDREA, 2013). Outros caminhos que foram surgindo a partir dessas primeiras manifestações constituem um campo da cultura mobilizado na Zona Sul de São Paulo, e multiplicam a atuação social na periferia.

Os processos de institucionalização das associações de bairro e das ONGs profissionalizaram os atores políticos dos movimentos sociais, e aqui se pode localizar um encontro dos campos da política e da cultura que se misturaram também na entrada dos anos 2000.

As experiências da Agência Popular de Fomento à Cultura Solano Trindade, iniciadas em 2011, combinam esses processos na sua constituição e em toda sua atuação nessa última década. A construção dessas experiências veio dos desdobramentos políticos que a Associação do bairro do Campo Limpo União Popular de Mulheres proporcionou. Com a chegada de Rafael Mesquita na associação, as práticas políticas ganham outros interlocutores no bairro e permite-se a

constituição do Banco Comunitário União Sampaio⁴. Uma experiência que ganha visibilidade e permite outros voos, como a constituição de uma agência cultural da periferia que conectava os movimentos já corporificados, mas também incentivando novas experiências.

Thiago Vinicius coordena a Agência Solano Trindade, fazendo diversas atividades no território, com um escritório coletivo com impressora, internet, um estúdio de som e também um restaurante na sua sede o Rango Organicamente. Anualmente, produzem o Festival Percurso, recebendo convidados para debates, shows e uma feira de alimentos orgânicos. Durante a pandemia, em 2020, a emergência tomou as atividades das associações; ONGs pela cidade e a Agência como restaurante se voltaram à confecção de quentinhas e à distribuição de cestas básicas. Com parcerias estabelecidas com editoras começaram também a distribuir livros nas cestas.

A gente fez uma ação na pandemia de distribuição de livros

⁴ Essa experiência foi analisada em Bergamin (2011; 2015).

em parcerias com grandes editoras como a Cia. das Letras e Cobogó, que fortaleceram nossa ação mandando livros de literatura negra. A gente mandou junto com as quentinhas, Emicida, o da Grada Kilomba, foi o livro mais lido na FLIPE do ano passado, que fala sobre o racismo; o da Djamilia. As pessoas pediam primeiro o livro, depois a cesta. Mas não me surpreendi, porque a periferia é um território de leitores. A periferia sempre leu. (Thiago Vinicius, 32 anos, Informação Verbal⁵, 2020).

Thiago ganhou um prêmio internacional em 2021, o 50 NEXT, de jovem empreendedor em gastronomia do World's 50 Best, destinado a jovens empreendedores que contribuem para a gastronomia no mundo. O que mostra a visibilidade do trabalho da Agência e do trabalho de Thiago na periferia. As ações promovidas na Agência frequentemente ganham visibilidade midiática e permitem com que novos financiamentos e atividades ganhem corpo.

Na sede da Agência, tem uma venda de verduras orgânicas de

⁵ "Trabalho e ativismo se encontram na produção de cultura", Informação Verbal, Live, Atividade dessa pesquisa no Canal da FESPSP. Participação de Marta Bergamin e Thiago Vinicius, setembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jC3NrVHBOWc&t=203s>.

agricultura familiar, com parcerias com produtores como Rafael Mesquita e Aline Maria, que saíram da participação do cotidiano da Agência e foram produzir alimentos orgânicos em um sítio na Grande São Paulo, assim, acionando a relação com a terra, como potência política, com outras articulações de trabalho e política. “Uma sustentabilidade da vida, que uma terra fértil pode promover”, diz Rafael. O cansaço com o cotidiano das atividades do terceiro setor na periferia acaba vencendo, e mesmo com a importante liderança que Rafael exercia na Zona Sul no período anterior, acabaram se mudando, compondo um caminho que pôde inventar no modo de se relacionar com a cultura pelos alimentos e contato com a terra.

Os trabalhos ligados à cultura na periferia de São Paulo ganharam um lugar social de ativismo, produzindo novas conformações de trabalho – um comum, no entrelaçamento das lutas cotidianas periféricas e dos diversos ativismos. Alguns dos sentidos do trabalho no campo da cultura estão relacionados aos trabalhos que permitem perfazer vínculos políticos na produção da vida

comum. Aqui apresentando uma hipótese da pesquisa realizada, postula-se que, aos mais jovens, essas experiências culturais partilhadas abrem possibilidades de constituição da vida social que passa pelo trabalho, para além do trabalho sem significação, que compõe em grande medida os discursos e práticas sobre o labor dos pobres, dos que habitam as margens sociais, como a única forma de construção da vida.

Essa multiplicação das experiências de trabalho na cultura formou uma geração na Zona Sul de São Paulo. O ativismo político que a produção cultural exigiu pode ser observado como trabalho, mostrando as faíscas que as sociabilidades da margem produzem na periferia ou a exigência da conversão social para que a significação e a produção de subjetividade faça parte da vida de trabalho. Aqui temos um ponto importante, posto que o trabalho é experienciado na casa familiar, nas experiências dos pais ou dos familiares primários, que formam a primeira impressão na vida de cada um. Se a experiência passa por desempregos longos ou grave precariedade laboral, a impressão

geracional pode se consumir como destino social.

Temos reproduzido a desigualdade desse modo no Brasil. As primeiras gerações a chegar aos cursos universitários são verdadeiras revoluções nas histórias familiares. É um rompimento geracional com os trabalhos mais precarizados e sem qualificação. O campo da cultura acrescenta, ainda, a produção de sentido a esse trabalho ao romper com trajetórias unicamente precárias, na luta por outra inserção social vinda das atividades laborais que possa sair dessa constituição que a produção neoliberal do mundo social determina para os mais pobres (TELLES, 2006).

Os trabalhos ativistas, e muitos atores sociais desse campo da cultura, precisam manter um ativismo para construir seus percursos; se constroem como inspiração para se contrapor aos trabalhos que seguem meramente reproduzindo a desigualdade, que são engajamentos dos processos neoliberais de reprodução social. O rebaixamento da subjetividade do trabalho da população das periferias das cidades, por conta de atividades laborais de baixa significação, suprime uma existência

política. As experiências que desviam das imposições socioeconômicas compostas pelos dispositivos espalhados em cada canto das margens da cidade (a moradia precária, o aluguel custoso, o medo de adoecer, a extrema violência da sociabilidade periférica exposta na atuação policial, os trabalhos degradados sem perspectiva), mostram como uma potência de luta por uma vida mais significativa pode estar contida nessas formas de trabalho no campo da cultura.

Os percursos desses trabalhos na última década de ativistas mostram, nas trajetórias, como seus arranjos de militância e trabalho no campo da cultura foram produzindo um potente processo que se multiplica nos lugares sociais periféricos. Mostrando assim, a reveladora abertura de novos fluxos de trabalho que a produção cultural representa com as novas estéticas do século XXI. São novas formas de vida.

Crítica à cultura e a formação da subjetividade política

Algumas análises criticam radicalmente uma composição neoliberal da chegada de alguns programas, conformando modelos de

cultura, mas deixando de fora muitos outros que não se encaixaram. Como aponta Augusto (2010), em programas empresariais que apelam para a responsabilidade social e que, por vezes, mais do que tirar os jovens da pobreza da periferia, acabam por performar a reprodução incessante da criminalização dos jovens negros periféricos, constituindo esse desastre social brasileiro.

Os grupos que acessam financiamentos muitas vezes precisam ter um CNPJ próprio e conseguir preencher os formulários *online* de prestação de contas, como foi o caso do Programa REDES (Redes de Cooperação Solidária – Secretaria Nacional de Economia Solidária, edital lançado em 2012), no qual a Agência Solano Trindade participou, que apresentava uma prestação de contas complexa, que só um coletivo bastante estruturado como era a Agência Solano Trindade podia realizar. Nessa experiência, formada por uma grande rede de empreendimentos da Zona Sul de São Paulo, coletivos muito variados de alimentação, de dança, de música, saraus etc. fizeram parte. A prestação de contas, feita por Rafael Mesquita na época, era muito complexa e exigia

especialização, tomando um tempo grande do projeto. Essas características já excluem muitos empreendimentos e experiências de conseguir buscar recursos e eles tinham uma reflexão bastante elaborada sobre a participação no projeto.

De qualquer forma, essa nova formatação de um campo cultural permitiu vislumbre de novos trabalhos para muitos jovens. Circular no meio cultural, convivendo com quem mantém atividades de trabalho, o que antes era só marginalizado ou visto como “coisa de jovem”, “coisa de periferia”, permite formar novas concepções e dimensões de trabalho. Parece interessante notar esse aspecto para avançar na discussão da produção desse campo.

Fernando Ferrari é hoje co-deputado da Mandata Ativista na Assembleia Legislativa de São Paulo, desde 2019, na primeira experiência de mandato coletivo do Brasil. Ele conta sobre a imbricação entre a militância e a luta pela cultura, iniciando coma abertura do Sarau da Vila fundão, no Capão Redondo:

Enfim, aí com o Sarau a gente foi criando outros mecanismos, o

Sarau Vila Fundão, fez um resgate das lutas do território, dos movimentos populares de mulheres, do movimento de moradia, do próprio movimento Rap, que lá na nossa região foi a primeira região que teve a primeira posse de Rap, Conceitos de Rua, que tinham mais ou menos uns 14 grupos de rap, que eram Racionais e outros vários grupos. Então a gente começou a fazer esse resgate dos movimentos populares, e aí a gente começou, parece que era uma sina, né? Quando a gente abre a boca as coisas vêm, né? Quando você quer e você fala, as coisas surgem.

Então a gente começou a criar movimentos, então a gente criou o Luta Popular, que hoje está no Brasil todo, ajudamos a construir a Agência Solano Trindade. Começamos a também interferir nas lutas do território, no Parque Santo Antônio, fazer também ocupação de terras em terras que estavam abandonadas historicamente, pela questão da moradia. Começamos a fazer a luta pelo transporte pela ampliação M-boi Mirim, obra hoje concluída, travamos a avenida pelo menos umas quatro vezes, começamos a limpar terreno para fazer praça pública. (...) Na Cultura comecei a entender como que funcionavam outros territórios e acho que meu tempo está acabando, acho que não vai dar tempo de tudo, mas a gente cria um processo extremamente novo, que é trabalhar em Rede, eu não sabia, eu ainda não sei trabalhar em Rede, a gente está aprendendo, é um negócio muito novo, mas esse novo para nós deu a possibilidade da gente aprovar a Lei de Fomento à Cultura da Periferia, que hoje a gente já conseguiu 32 milhões de

reais, que contemplou pelo menos aí uns 120, 130 coletivos com 315 mil cada um, as casas de Cultura que a gente conseguiu fazer, voltar para a Secretaria Municipal de Cultura, os Espaços Públicos de Gestão Comunitária, fomos criando coisas, formas e histórias.” (FERRARI, Fernando, Informação Verbal, Seminário “Economia da Cultura: aprendizados a partir da Zona Sul de São Paulo” na FGV, 19/03/2019).

O trabalho tem um lugar social que se desloca no tempo. Tanto os agentes de produção da cultura, muito variados com seus múltiplos interesses, como o Estado, interessado na “isca cultural” (ARANTES, 2000) do desenvolvimento econômico das cidades a partir do que a cultura apresenta, mais tardiamente descobrem a periferia. Dessa forma, ocupam territórios das periferias para buscar o seu público-alvo: os jovens, pedindo um enquadramento nas práticas empreendedoras, mas também, como aponta Augusto (2010), muitas vezes com práticas segregadoras. Nessa medida, o ativismo cultural parece constituir certo “antídoto” necessário para formar as lutas desse campo como lutas contra a desigualdade racial, de gênero e de classe, que marcam as periferias da

cidade; lutas que possam romper uma continuidade perversa dos ciclos que a desigualdade produz incessantemente (SOUZA, 2018).

Para aqueles que participam de iniciativas culturais como trabalho, surge nova implicação. Ao investigar o trabalho como localização e dimensão política de quem produz, participa ou amplia a noção de cultura, afirmamos ser esse um trabalho que perfaz trajetórias de vida, ganhando uma dimensão política de trabalhos implicados com a produção de vida mais significativa. São ativismos políticos guiados pelos trabalhos ou mesmo para além do trabalho remunerado.

Na pandemia de 2020, que se estende em 2021, ficou evidente que muitos profissionais da cultura da periferia não têm trabalhos fixos; em grande medida, trabalham por projetos e na informalidade. Pertencer ao precariado pode ser por escolha, como afirma Standing (2013), mas aqui, confrontados com uma precariedade que marca os trabalhadores da periferia, as oportunidades profissionais na área cultural envolvem a informalidade, muito comumente. Mas não muito diferente nesse

aspecto, vale ressaltar, de outros trabalhos disponíveis a quem é da periferia.

Os afetos como fagulhas para a construção de um trabalho com sentido forte na margem da cidade

Perguntar sobre um agenciamento individual das construções objetivas e, sobretudo, subjetivas do trabalho, sempre supõe um questionamento sobre como recebemos as diretrizes coletivas do trabalho, a partir das nossas socializações, e vamos processando e traduzindo individualmente esse agenciamento social. De qualquer forma, a composição da socialização primária, acaba por se firmar como a base essencial na qual se referencia a construção da subjetividade e a construção social da realidade para cada um, como colocam Berger e Luckmann (1978). Ou seja, a socialização da casa e as referências familiares, materna e paterna, são fundamentos da vida social do trabalho. A sociedade é uma realidade objetiva e subjetiva ao mesmo tempo. Três movimentos dialéticos definem isso para os autores: a interiorização, a exteriorização e a objetivação. Estar

em sociedade nessa articulação dialética é processo que ocorre tanto para as sociedades, como para os indivíduos. Um indivíduo exterioriza seu ser no mundo e interioriza o mundo como realidade objetiva, em movimentos simultâneos. Nessa medida, um sentido produzido sobre o mundo se torna comum aos membros de uma sociedade por uma expansão das subjetividades nas objetividades, o que pode ser um modo de começar a definir a cultura.

Nesse alargamento das concepções culturais, se mexe nas concepções juvenis de cultura e, portanto, de trabalho. Com a cultura, essas mudanças acontecem como dinâmica, com o grafite, o teatro, a música (campos mais reconhecidos, mas sempre com novas vertentes artísticas/culturais), como foi o caso dos saraus na Zona Sul de São Paulo. Como disse Fernando Ferrari, co-deputado da Mandata da Bancada Ativista, contando como montou o Sarau da Vila Fundão: “Nosso Sarau era um Levante Popular em solidariedade aos excluídos”.

Outro ingrediente importante é o território. A cultura consagrada tem financiamentos naturalizados nas

dinâmicas elitistas de hierarquização da produção da cidade, mas que carregam concepções do que é boa cultura e, portanto, do que não é, constituindo tijolo a tijolo as expressões celebradas da cultura. Todavia, os movimentos e agentes dos territórios periféricos ousaram balançar esse edifício, constituindo novas concepções de cultura como construções identitárias, que buscam as raízes familiares, sociais, raciais e de gênero para remontar a cidade, pela margem. Assim, mexendo com as arrumações forjadas da história da cidade – que afinal permanecem como fundamento da desigualdade. Narrar a contrapelo passa por romper ciclos para deixar novas afetações emergirem.

No fim se trata de decolonizar o conhecimento, que passa por reconhecer a branquidade como produtora de um epistemicídio, diz Paterniani (2020), que anula corpos por rebaixamentos, por fim uma constante subalternização de grupos que podem fazer frente ao capitalismo. Para reduzir a desigualdade, é preciso reconhecer em primeiro lugar esses bloqueios como estruturas racistas que a branquidade forma e reproduz como

esse racismo estrutural. Processo longo e doloroso para mexer nas estruturas de reprodução social que marcam os percursos de ativismos e trabalho dos nossos entrevistados, se configurando, nessa medida, como políticos.

A quebrada tem isso, você conhece pessoas lendárias, como em Cuba, com Compay Segundo ou Chapéu Mangueira com Cartola, lá conheci o Binho, acho que em 1994, porque morava ali no Campo Limpo. Eu e meu irmão Marcelo, o Sá, eramos clientes do bar do Binho. De forma inconsciente fui marcado pelo lado cultural do Bar, porque como jovem eu não lia até aquele momento, esse encontro mudou minha vida, foi um encontro que me fez anos depois ter outros óculos para ver o mundo mais ampliado. É muito interessante, porque o que me incentivou a perdoar, foi ler o mundo para além do que você vê, teve um caso que perdoei uma pessoa que me deu uma facada, que era uma pessoa bem próxima, um amigo, e esse levar facada me fez morar no Ceará na casa desse meu tio Francis, com a minha tia Leny, que lá tinha uma biblioteca, por exemplo. Então lá eu comecei a ler, e aí quando eu voltei pro bairro, com meus livros, foi uma surpresa para meus amigos, eu lendo Che Guevara, Olga Benário, Feliz Ano Velho. (...) Era isso, lendo com novos olhos e com o mesmo corpo em um bairro que era o mais violento do mundo. Estava liberto! (Fernando Ferrari, Intervenção Verbal, Seminário "Economia da Cultura: aprendizados a partir da

Zona Sul de São Paulo", 18/03/2019).

O encontro com a leitura, depois com o sarau, acendeu uma faísca que veio por afetividades familiares como fundamento de um percurso de militância na área da cultura para Fernando. São essas relações que podem produzir uma sedimentação para trabalhos que, por vezes, rompem com trajetórias de precarização, de trabalhos com pouca criatividade, sem qualificação. Os percursos de trabalho de produtores de cultura, nesse caso de um militante por financiamentos de cultura para a periferia, como é a trajetória de Fernando, não são fácies, mas se mostram potentes.

Acontece que também precisamos levar em conta a localização de cada um no mundo social e as idiosincrasias localizadas na biografia individual. São como filtros da vida social que fazem com que as experiências de vida tenham cortes de classe, de raça e de gênero e cada um absorva na socialização primária (infantil) cortes subjetivos e objetivos.

Nossos entrevistados apresentam relatos da composição

familiar com chaves de profunda ligação com o familiar afetivo. Quando Dêssa, atriz e cantora, fala de sua vocação artística, aponta para afetos de proximidade com seus tios como fundamento da sua ligação com a música e com o mundo das artes. Lembra das festas que promoviam no quintal com música, comida, dança: “Toda infância, tinha lembranças na fogueira com viola. São meus tios pretos, sempre falo assim, que são os pretos da família”.

A condução da vida profissional foi um novelo de afetos familiares: a música, com a descoberta tardia de um tio luthier, as músicas ouvidas em casa; a profissão de desenhista de móveis pela formação técnica, que fez a ligação das primeiras incursões profissionais à marcenaria do avô e depois do tio, onde furava os pés na oficina quando criança, e posteriormente o trabalho, depois deformada, em técnica em edificação. Essa profissão possibilitou uma estabilidade financeira logo no início da vida profissional, e perdurou bastante tempo como fonte de um rendimento seguro para poder desenvolver outros projetos, daí, sim, absolutamente ligados à arte e à

produção cultural. Dêssa, tem 38 anos na data da entrevista, é cantora e atriz, participante de um grupo de teatro. Entrou na companhia de teatro para fazer cenários das peças e acabou se encantado e descobrindo seu lado atriz. A trajetória artística se encontrou com a técnica de desenho. A veia artística para ela vem da família, “da parte preta da família”, como ela fala. A possibilidade de ser cantora e atriz na periferia de São Paulo vem dessa mescla dos trabalhos artísticos com o irmão mais novo, e essa profissão técnica pôde manter essa tripla realização.

Então enxergo essa ligação primeira: essa efervescência que tinha em Barueri. Os artistas que estavam em Barueri não tinham espaço em Barueri. Então, o Vento Forte foi o primeiro para mim, eles estavam se apresentando na Augusta, na Brigadeiro, na Roosevelt, eles já estavam nesse meio. E a partir daí rolou... lembrei a conexão com a zona sul. Um amigo de Embú das Artes e que trabalhava em Alphaville que indicou a Banda Preto Soul para mim. – Meu, tem uma banda muito legal da zona sul que você vai curtir estão precisando de guitarrista. E o Sandro [seu irmão] veio tocar na banda. [...] A gente já estava num processo de cantar em bares. Eu e ele. Cantando em Barueri, em Pinheiros. Mas os bares não tinham espaço para música autoral, pelo menos não

esses que a gente conseguiu acessar. A gente não queria mais cantar músicas dos outros, cantar o que todo mundo queria ouvir. A gente queria fazer um trabalho mais autoral (Dêssa).

O equilíbrio entre a percepção da realidade e o desejo interno de realização é incerto, posto que corresponde a uma dinâmica, como nos lembra Dejours (2000). Se torna um imperativo obedecer ao que vem de fora como determinação de organização da subjetividade. Mas como os elementos da vida social chegam para os indivíduos de forma fragmentada, organizar o desejo interno acaba esquecido no torvelinho incessante de manter a vida "ocupada", sem nenhum "tempo morto" (GAULEJAC, 2007). As diferentes temporalidades da vida podem produzir um tempo criativo. A oposição disso seria uma vida que só reproduz um produtivismo que perde conexão com as forças internas, com a produção da subjetividade e da personalidade.

As redes sociais são as novas exigências compulsórias do uso do tempo em um consumo desenfreado. Desse modo, se está laborando sem uma distinção precisa das divisões

entre descanso, lazer, trabalho e consumo. Com isso, o tempo gasto com produtividade do trabalho não é remunerado, muitas vezes. E esse tempo misturado abala o equilíbrio psíquico. Quem trabalha com cultura precisa estar nas redes sociais e muitas vezes não consegue monetizar esse tempo de trabalho.

Quando olhamos para trabalhos artísticos ativistas, concebemos um trabalho que imprime sentido, que foge de um trabalho destinado à reprodução da desigualdade brasileira. É um bonito fio que com que faz as escolhas de trabalho e as conjunções das trajetórias de trabalhos sejam umbilicalmente ligadas às trajetórias familiares. Na periferia nada é simples, as trajetórias não são meritocráticas, são sempre resultadas de luta. Para as mulheres, as barreiras de oportunidades são maiores, e podemos aqui nomear de lutas políticas, para fazer parte da vida social com produção de sentido. No caso de Dêssa essa composição de trabalhos artístico e profissional foi acontecendo:

Já estava enfiada até o pescoço. [...] Minha filha nasceu em 2009, uma coisa é você atravessar a cidade para fazer coisas, ensaiar

só você. Depois que nasce o baby fica um pouco diferente. Aí tem um processo também... em 2008 me desliguei da empresa do meu tio, porque eu trabalhava com marcenaria... me formei técnica em edificações e aí vim trabalhar com uns arquitetos aqui em São Paulo, mas meu tio me chamou, vem trabalhar comigo. Cinco minutos de casa, falei: - vou. Fiquei 7 anos, de 2001 até 2008. (Dêssa).

Quando pensamos sobre o trabalho ligado ao exercício da política, como ativismo social⁶, também é preciso ponderar alguns aspectos a respeito da produção de renda e a associação social de todo esse agenciamento entre atividade política e produção da vida.

Para Dêssa, a primeira profissão foi importante como um fundamento para novos voos depois da juventude: tornou-se cantora e depois atriz. Os processos formativos, as novas iniciativas para fazer acontecer coisas simultâneas, foram acontecendo. A participação em uma ocupação artística ganha esse teor político que um coletivo de teatro tem na periferia. O grupo ocupou um terreno público, antiga sede da subprefeitura do Campo Limpo,

enfrentando uma longa disputa para permanecer no local. Foi na gestão da ocupação do espaço Cita, espaço ocupado por coletivos de cultura na antiga sede da Sub-Prefeitura do Campo Limpo, que muitos trabalhos do coletivo de teatro foram sendo produzidos. Dêssa conta que ainda permanecem 11 coletivos compondo a ocupação do espaço, mas a gestão da ocupação, sempre trabalhosa, não faz parte agora de seus planos.

Suas várias atuações profissionais como desenhista, cantora, atriz e produtora fazem uma diversificação que pode compor um processo de conhecimento dos trâmites completos da feitura de um espetáculo, por exemplo. *"Não tem como atravessar a cidade sem ser atravessada por ela"* (Dêssa, Intervenção Oral, Live do Instagram, em 2020, durante a pandemia).

Considerações finais

A produção de cultura é objeto de análise sociológica e urbana desde o início do capitalismo. Arantes (2002) chama atenção de que, nesse momento pós-fordista de gestão das cidades, se adere a uma lógica que vai transformando a própria cidade em

⁶ Ver definição de Lavallo (2020).

mercadoria a partir da cultura. Uma sofisticação do processo que torna a gestão da cidade uma busca por vendas. O que está sendo vendido? Qual é o produto? A cidade-mercadoria produz certo tipo de cidade.

O lugar reservado aos pobres nesse grande negócio, no geral, envolve perdas, nos deslocamentos de população e na negação do desenvolvimento de novos modos de vida mais justos nas periferias. A separação entre centro e periferia marca padrões de desenvolvimento das cidades brasileiras, de modo que em uma só cidade se tenha lógicas muito diversas e desiguais. Assim, a cidade se torna foco do desenvolvimento cultural falseado, sem lugar para uma produção que enfrente essas forças estabelecidas na produção de uma contra estética.

Quando se discute a cultura nas periferias, torna-se essencial olhar para esse processo a fim de se ter um entendimento de como as decolonizações podem produzir novas expressões culturais, de como fugir da captura constante ou de como se reinventam. Os movimentos feministas, negros e de moradia, se

articulam nos movimentos de cultura. São movimentos importantes de serem destacados para compreensão da periferia Sul de São Paulo e de como os atores sociais foram produzindo novos enlaces. A crise do sindicalismo, dos partidos políticos e das institucionalidades conhecidas foram mostrando outros caminhos para novos atores sociais: as feministas, os feminismos negros, os movimentos negros, os movimentos LGBTQI+ podem ser definidos como institucionalidades socioculturais, como diz García Canclini (2020). E a dimensão política do trabalho na cultura pode ser aqui afirmada.

Entretanto, também na periferia aparece um agenciamento neoliberal da cidade-mercadoria que chega com força. O agenciamento neoliberal pode, ainda assim, produzir articulações e experiências que movem coisas, mas também podem se perder em uma funcionalização da pobreza a partir da cultura.

A cultura virou um mercado de trabalho nada desprezível. Ora bastante conectado às lógicas lucrativas dos agenciamentos mais neoliberais, que chegam na periferia também, ora também produzindo

renda e trabalhos significativos para muitos a partir de outras matrizes de sociabilidade. Esses aspectos de um trabalho conectado a sentidos que produzem subjetividades fortes e produzem cidade, podem realizar uma cidade comum. Essa é uma discussão que fundamenta os trabalhos na cultura na periferia.

Onde as forças do comum se esvaem em processos que perdem conexão com a produção deixada à margem, se perdem esses processos de conexão com uma produção mais potente de significações coletivas e subjetivas individuais. O ataque à cultura nesse momento pela extrema-direita no governo não parece ser algo feito de forma aleatória, temos aqui potências de transformação, ao menos, construções de significações maior da vida.

Mas é preciso olhar cada processo para identificar as diferenças, as positivities e também o que escapa e escorrega na cidade-mercadoria – tornando a falta de financiamentos para projetos a própria crise. E agora, mais contemporaneamente, o ataque à cultura por grupos que enxergam na diversidade da produção cultural algo

a ser combatido, sem reconhecer a dimensão econômica da cultura para as cidades. Sem dúvida, um setor que se torna um grande empregador e gerador de renda com uma abertura de novos agenciamentos de trabalho. Um choque cultural é promovido como tentativa de fazer recuar as mudanças sociais que estavam em curso. Na pandemia, em 2020 e 2021, para quem trabalha com cultura na periferia, foi uma situação dramática; os trabalhos por projetos de editais, já bastante precários, sem garantias de um trabalho formal, foram a expressão da crise desse período e ficaram ainda mais inacessíveis.

Esse campo cultural foi expandido nas periferias, e uma das dimensões disso são os associativismos engajados que caminham para formar mercados de trabalhos compostos por essa expressão sociocultural. Daí a importância do trabalho na área para manter um enraizamento social que a cultura pode promover. A Agência Cultural Solano Trindade, formada em 2011, mostra uma experiência de formar redes e coletivos, captando os anseios presentes na sociabilidade

engajada que se firmava na periferia sul da cidade desde os anos 2000.

O empreendedorismo ganhou corpo como um processo de convencimento que foi invadindo as novas gerações, que não conseguem mais planejar a vida em um tempo longo. Só o curto prazo consegue ser administrado. Como se implicar na vida social sem acessar um planejamento de vida mais a longo prazo? O futuro parece bloqueado aos jovens sem a abertura de novos trabalhos que o campo cultural pode trazer.

Referências bibliográficas

ABILIO, Ludmila Costhek. *Uberização: subsunção real da viração*. Blog da Boitempo. 22.fev.2017. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-iracao/>

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento* – fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p 25-51.

ARANTES, Otília. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In: *A cidade do pensamento único*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

AUGUSTO, Acácio. Para Além da prisão-prédio: as periferias como campos de concentração a céu aberto. *Cadernos da Metrópole*, PUC, São Paulo, vol. 12, n. 23, 2010. Disponível em:

https://www.academia.edu/12796548/Para_al%C3%A9m_da_pris%C3%A3o-pr%C3%A9dio_as_periferias_como_campos_de_concentra%C3%A7%C3%A3o_a_c%C3%A9u_aberto.

BERGAMIN, Marta de Aguiar. Juventude, trabalho e cultura periférica: a experiência da Agência Popular de Cultura Solano Trindade. *Cadernos Adenauer*, Rio de Janeiro, n.1, 2015.

BERGAMIN, Marta de Aguiar. Lutas na cidade de São Paulo: Mutirão Recanto da Felicidade e Banco Comunitário União Sampaio. (Doutorado em Sociologia). defendida na Universidade Federal de São Carlos, 2011.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade* – Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1978.

BONDUKI, N. *Origens da Habitação social no Brasil*. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/faurb/prograu/documentos/artigo1-habitacaosocial.pdf>

CALABRE, Lia. Política Cultural em tempos de democracia a Era Lula. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 58, p. 137-156, jun. 2014.

CHAIA, Miguel. *Arte e Política*. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CORROCHANO, Maria Carla; DOWBOR, Monika; JARDIM, Fabiana. Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes? *Laplage em Revista*, Sorocaba, 2018.

CORTÉS, José Miguel G. *Políticas do espaço*: Cidades masculinas, ou a negação dos gêneros. São Paulo: SENAC, 2008.

D'ANDREA, Pablo Tiajurú. *A formação dos sujeitos periféricos*: cultura e política na periferia de São Paulo. (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, Paulo, 2013.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEJOURS, Cristophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

DEJOURS, Cristophe. *A Loucura do trabalho*. São Paulo: Oboré; 2017.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa – mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017. [p. 237-284].

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes; 2008.

FRASER, Nancy. A justiça social na globalização: Redistribuição, reconhecimento e participação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p. 7-20, out. 2002.

FREUD, Sigmund. Psicologia dos processos oníricos. In: *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Instituições culturais versus

aplicativos. *Folha de São Paulo*, 04 out. 2020.

GAULEJAC, Vincent. *Gestão como Doença Social*. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

HOOKS, bell. *Olhares negros – raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

ILUSTRÍSSIMA CONVERSA. Entrevista com Fernanda Peixoto. Arte é tanto produto quanto produtora de cidades. 19 dez. 2019. Podcast da *Folha de São Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/12/arte-e-tanto-produto-quanto-produtora-de-cidades-diz-antropologa.shtml>

JARDIM, Fabiana; CARROCHANO, Maria Carla; DOWBOR, Mônica. Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes? *Laplage em Revista*, Sorocaba, vol.4, n.1, p.50-66, jan.–abr, 2018.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

LAVALLE, Adrian Gurza. Engajamento e participação – Glossário. *Nexo*, São Paulo, 24 jul. 2020.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LIMA, Lívia. Coletivos se mobilizam para desenrolar lei de incentivo à cultura da periferia. Blog da *Folha de São Paulo*, 28 abr. 2016.

MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo (orgs.). *São Paulo: Segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

PARDUE, Derek. Uma perspectiva marginal. Contemporânea. *Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 3, n. 2, p. 447-466, 2013.

PATERNIANI, Stella Zagatto. Raça e cidade: para decolonizar a produção de conhecimento sobre São Paulo. *Revista da pós-graduação da Escola da Cidade*, n. 1, 2020.

PATERNIANI, Stella Zagatto. São Paulo cidade negra: branquidade e afrofuturismo a partir de lutas por moradia. [Parte 1: Crítica da branquidade na economia política da urbanização; p 49-109]. (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de Brasília, 2019.

PEÇANHA, Érica. *Polifonias marginais*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Rolezinho no shopping: aproximação etnográfica e política. *Revista Pensata*, vol. 3, n. 2, 2014.

PIERUCCI, Flávio. A religião como solvente – uma aula. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 75, 2006.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCOL, Lucia Mury. Rolezinhos: marcas, consumo e segregação no Brasil. *Revista de Estudos Culturais*, EACH-USP, n. 1, 2014.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (orgs.) *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

SANTOS, Milton. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. Conferência publicada originalmente no *Boletim Gaúcho de Geografia*, UFRGS, Porto Alegre, n. 21, p. 7-192, 1996. Disponível em: https://www.revistaprosaveroarte.com/por-uma-geografia-cidada-por-uma-epistemologia-da-existencia-texto-fabuloso-do-professor-milton-santos/?fbclid=IwAR0qvkf2-kwebZSCE3Osy13rPdPnv1Uj3nAeoGtVReAp-xn38VwR_WQnmvE

SENA, Eduardo Augusto. políticas culturais e diversidade na cidade de São Paulo - trajetórias e institucionalização. (Relatório de qualificação, nível doutorado em Ciência da Informação), Universidade de São Paulo, 2020.

SENNETT, Richard. *A Corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Gleicy Mailly. Cultura negra e empreendedorismo: Sensibilidades políticas a reivindicações econômicas e o engajamento através do mercado Black. In: *Anuário Antropológico I*. São Paulo: Hucitec, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/marta/OneDrive/Área%20de%20Trabalho/Marta/Fesp/sociologia%20e%20política/Sociologia%20V/Cultura%20negra%20e%20empreendedorismo.pdf>

SOUZA, Pedro H. Ferreira. *Uma história da desigualdade: a concentração de renda entre os ricos no Brasil 1926 - 2013*.

STANDING, Guy. *O Precariado: a nova classe perigosa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

STENGERS, Isabelle *No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2017.

TELLES, Vera. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2010.

TELLES, Vera. *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006.

TOMMASI, Livia de. Nem bandidos nem trabalhadores baratos: trajetórias de jovens da periferia de Natal. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, vol. 5, n. 1, p. 101- 129, 2012.

VINICIUS, Thiago; GOMES, Amanda; Barcellos, Alex. O futuro das periferias no pós-pandemia. Blog do Fausto Macedo no *Estadão*, São Paulo, 29 set. 2020.